



COPED

XIV CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS, INSERÇÃO SOCIAL E DEMOCRACIA

DATA DO EVENTO: DE 13 A 16 DE JUNHO DE 2023



NARRATIVAS DE SI: HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES NO SERTÃO DO SÃO FRANCISCO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Amanda Guedes Cardoso
Unimontes
amandaguedes679@gmail.com

Resumo

O presente trabalho analisou as histórias de vida e autorrepresentação de mulheres, da cidade de São Francisco-MG na primeira metade do século XX. Através dos depoimentos de duas mulheres, tendo respectivamente 76 (Dona Laura) e 91 anos (Dona Malu) de idade. Uma delas pertence a uma família bem remediada, é uma mulher branca, professora e conhecida na cidade; a outra é de uma família de quilombolas, é uma mulher negra, semialfabetizada e também conhecida na cidade. Vimos que, apesar de terem idades distintas e serem de mundos diferentes, apresentam similaridades em suas experiências, sendo que ambas vivenciaram maior independência financeira e possibilidade de exercício de poder nas relações de gênero no âmbito familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Histórias de Vida. Relações de gênero. Sertão.

Introdução

Na presente pesquisa buscamos compreender como essas mulheres se constituem em suas narrativas, como constroem uma imagem de si. São mulheres de um malabarismo e tanto, tiveram de conciliar trabalho, casa, filhos, casamento (sendo a realidade de muitas outras mulheres). Uma foi professora e a outra trabalhadora autônoma. A escolha da cidade de São Francisco para a realização da pesquisa se deve à sua localização no sertão norte-mineiro, distante dos grandes centros urbanos e à maior facilidade de acesso às sujeitas da pesquisa.

Justificativa e problema da pesquisa

Este trabalho se justifica, dentre outros motivos, pela ausência de análise sobre a constituição de representações femininas e autorrepresentações em contextos considerados de margens, como no sertão do São Francisco na primeira metade do século XX, especialmente, a partir das memórias e histórias de vida das próprias mulheres. Pretende-se contribuir com a escassa historiografia existente acerca de mulheres no sertão norte-mineiro, mostrando que essas mulheres são agentes históricos na sociedade. Procuramos analisar e entender melhor as múltiplas configurações das relações de gênero em contextos não centrais e ao mesmo tempo questionar a fixidez das construções de gênero, levando em consideração que as colaboradas são de estratos sociais distintos.

Objetivos da pesquisa

Tem como objetivo analisar histórias de vida de duas mulheres residentes no município de

São Francisco (MG) no sertão norte-mineiro, nascidas na primeira metade do século XX, com intuito de entender melhor as múltiplas configurações das relações de gênero em contextos não centrais e ao mesmo tempo questionar a fixidez das construções de gênero, lembrando que as colaboradoras são de estratos sociais distintos e mundos diferentes, porém, com experiências semelhantes.

Referencial teórico que fundamenta a pesquisa

Partimos aqui dos estudos da História Oral, estritamente pela história de vida, por ser um método adequado ao que se sugere neste trabalho. Para embasar a discussão no que diz respeito à História Oral, procurei dialogar com os (as) autores (as) que estudam o assunto, como Verena Alberti, José Carlos Sebe Bom Meihy, Alessandro Portelli, entre outros. A base metodológica foi elencada nos estudiosos mencionados, mas no desenvolvimento dessa pesquisa, outros autores foram inseridos.

Procedimentos metodológicos

Trabalhamos com a História Oral de vida que, conforme José Carlos Sebe Meihy (1996, p. 147), “trata-se da narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa”. Foram realizadas entrevistas com as colaboradoras e estas foram transcritas e analisadas. Foram abordados assuntos como estudos, trabalho, casamento, maternidade, entre outros.

Análise dos dados e resultados finais da pesquisa

As narrativas de história de vida das colaboradoras desta pesquisa permitiram analisar o contexto histórico, local e a plasticidade das representações de gênero e dos modelos do feminino. Podemos concluir que, mesmo em estratos sociais diferentes, a narrativa de Dona Malu e de Dona Laura indica que estar nas margens dos grandes centros possibilita que as mulheres tenham uma maior liberdade, que elas vivam por si mesmas sem estar a sombra do marido, cuidar da casa e dos filhos, e também trabalhar e exercer atividades que são voltadas para o masculino.

Relação do objeto de estudo com a pesquisa em Educação e Grupo de Trabalho do COPED

Este trabalho é um importante aliado no processo de ensino-aprendizagem que permite o aprimoramento intelectual e pessoal, o conhecimento do outro e de suas histórias de vida; angariando novas percepções de mundo.

Considerações finais

Dona Malu foi professora, casada, com filhos, independente em suas escolhas e vontades. Diz não reclamar de nada e se sente realizada com tudo que já viveu. Dona Laura, desde muito nova exercia atividades que tradicionalmente é associada ao masculino, como o trabalho na roça; teve filhos, cuidava da casa e de sua barraca de quitutes como trabalhadora autônoma. Ambas são mulheres determinadas, que não se deixaram abalar frente a diversidade da vida. De mundos diferentes, mas, ao mesmo tempo, tão próximos. A vontade de trabalhar e os meios para que desse tudo certo, o medo de depender do marido e a forma de lidar com as pessoas e serem reconhecidas, fazem com que nossas colaboradoras se aproximem em suas experiências.

Referências

ALBERTI, Verena. Fontes Orais - História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Orais**. São Paulo: Contexto, p.155-202, 2005.

MAIA, Cláudia. **Histórias de vida de professoras negras no sertão norte-mineiro**. Revista

Brasileira de História Oral. São Paulo, v.25, n.1, mar./2022.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

PERROT, Michelle. **As Mulheres ou os Silêncios da História**. Bauru, EDUSC, 2005.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a História Oral diferente**. Tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro. Proj. História. São Paulo, n.14, Fev. 1997.